

**OLIVIA
DE HAVILLAND**

QUE SE INDIGITOU PARA
"VEDETA" DUM NOVO
FILME REALIZADO
EM PORTUGAL



**VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA**

ANNO V—N.º 258
2 DE MAIO DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00

PETIOT

Os artigos de diversos das vítimas

Por este caminho, como aconteceu no caso de um dos vítimas

Os artigos transportados, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

A mulher de Petiot, a esposa de Petiot, em uma das suas viagens

Madame Petiot, a esposa de Petiot

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

Os artigos apreendidos, como os outros, em caixas de madeira, e não de ferro, como os outros

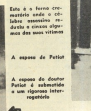
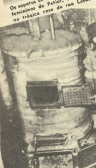
O CRIMINOSO QUE QUÊ PASSAR POR HEROI...



Documentos do processo Petiot, recolhidos durante sua fuga. O nome do criminoso é Georges Petiot, conhecido como "o homem de Lezard".



O Sr. Marcel Petiot em sua casa de Lezard. O homem foi encontrado no momento de sua fuga para o Brasil.





Pierre
of PARIS

A VENDI-VAI
DIAZ E L'EAU
DE BURELLE
EISELÉ

Agente em Portugal

A. OLIVEIRA, Lda.
R. do Comércio, 46-7-9
Tel. 2196



A João Fomes Castro Branco



A Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.



D. Isabel Salazar de Gato, herdeira do 1.º M. e Balsa.



José Pereira, empresário do 1.º M. e Balsa.



A Duarte de Fátima, esposa do 1.º M. e Balsa.



A Duarte de Fátima, esposa do 1.º M. e Balsa.



A Duarte de Fátima, esposa do 1.º M. e Balsa.



A Duarte de Fátima, esposa do 1.º M. e Balsa.

SILVA CANELAS E O MARQUÊS DE RERIZ NUMA RÉCITA DE GALA

1.º de Junho de 1926, no tempo das grandes comemorações e festas que Lisboa viveu em honra do Centenário da Independência, a noite de 2.º de Junho, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

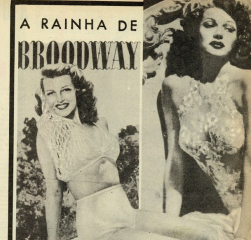
A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.



A RAINHA DE BROADWAY

1.ª RAINHA DE BROADWAY, a mais interessante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Um remédio simples para males de Pés

Seu profissionalismo em dar o melhor remédio para males de Pés, é a sua grande especialidade.

LIVRARIA COLETTA
LIVROS E PÁPIZ
Carmo, 24 e 26
Tel. 2196

Apresenta um tal, a noite, 1.º de Junho de 1926, no tempo das grandes comemorações e festas que Lisboa viveu em honra do Centenário da Independência, a noite de 2.º de Junho, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

1.ª RAINHA DE BROADWAY, a mais interessante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A noite foi uma festa de gala, com a sua grandiosa gala, foi a mais brilhante e mais interessante que se viu em Lisboa.

Os dois grandes nomes da noite foram os actores João Fomes Castro Branco e A. Coudinho de Salazar, dono do 1.º M. e Balsa.

A DEBESSÃO DUM RAPAZ BRABO

DEBESSÃO

CONTO POR M. D.



pada sobre a armá ainda quente, juntando ao pé do seu retrato. Ela chorará! Oh! Estou certo de que chorará. Pelo menos espero que ela chore. Ou também... talvez se sinta orgulhosa de que um homem se tenha matado por ela e de que esse homem seja eu.

— Pobres Grosberet! — dirá talvez — Quem julgará? Estar apaixonado por mim até tal ponto e matar-se diante do meu retrato...

E ao dizer isto, dará carmin nos lábios, que não têm necessidade dele, e dirigirá um sorriso de prata ao seu imbecil e estúpido noivo!

— Caleja, Gerardo!... Matou-se por mim!...

E, depois... Qué! Estará então Gerardo meio contente por viver ainda, meio envergonhado por não ter-se dado a morte? Sorrirá também e perguntará a si próprio o que teria feito no meu lugar? E como é um rapaz correcto, responderá a si próprio porque não teria chegado a esse extremo? E ao cabo de três dias, ninguém já pensará em mim, ninguém falará e, sobretudo, a Ingrata Clara nunca mais se lembrará de mim? E, eu... eu estarei estendido no caixão; os vermes começarão o seu festim; a tampa do caixão será solidamente fechada; dois metros de terra pensarão sobre mim e, só então, vir-me-á o arrependimento? Mas, digam-me, merece verdadeiramente a pena matarmo-nos para chegar a isto? Por um sorriso, por tratado que seja? Por uma pena do coração, por muito profunda que se imagine?

Vamos! Eu, Guilherme Grosberet, um homem de gosto, um homem inteligente, ir-me-matar por isso?

Mas que vou eu fazer com este revólver, ridiculamente dramático, posto ao alcance da minha mão. O vendedor disse-me que está carregado com uma bala. Não encontrarei ali onde empregá-la a melhor do que alojá-la dentro da minha pele? Não haverá outra coisa à mão que eu possa matar, sem ser a mim próprio?

Por exemplo: aqui está o retrato de Clara, o retrato de uma rapariguita que põe carmin nos lábios ao saber a notícia da minha morte. Um belo retrato num quadro e por detrás de um vidro? A minha obra-prima!

— Achas, querido Gerardo, que está bem feito? Era a época em que nos conhecemos!

Não, meus pobinhos! Sêde felizes, quanto desejais e possais! Mas não me peçam que me mate, pela vossa felicidade. Não! Isso não. Aqui está o negro revólver e vou ver agora se sei servir-me dele! A bôca do cano aponta o retrato de Clara. O meu dedo faz funcionar o gatilho...

E... part' isto faz mais ruído do que eu calculava.

Aqui está por terra, feita em mil pedaços, aquela que me desprezou. Merecia-o. Até à vista, querida. Perdo-me que continuei a viver...

Que pena para o quadro. Mas eu encontro-me melhor.

— Senhora Durani... Senhora Durani!... Quer fazer o favor de varrer estes pedaços de vidro?

No interior da tampa da caixa há um papel colado com as indicações necessárias sobre a sua utilização. Mas eu não tenho necessidade de lê-lo.

Uma só bala me basta, e essa bala foi posta pelo vendedor no seu lugar. Não é preciso estudar o modo de fazer funcionar este revólver para um único e supremo tiro. Dentro de um quarto de hora tudo estará acabado. Acabará as penas, as notas-brancas, as surpresas, como a que ontem me estava reservada.

Para surpresa, aquela foi uma boa surpresa.

As três horas da tarde sou a campainha. Pul abrir e encontro-me de frente de Clara, mas não com ela. Sôzinha. Vinha de braço dado com um jovem. De um jovem de bom porte, mas estúpido.

— Bons dias, senhor Grosberet — disse-me, e a sua voz tinha aquele timbre tratado que me seduzira. — Bons dias, querido Grosberet. Aprezentos o meu prometido, Gerardo Lefort. Vimos tirar uma fotografia em conjunto, não é verdade, Gerardo?

O chamado Lefort, sem mostrar emoção, foi mimosado com um sorriso, pelo qual, se tivesse sido dirigido a mim, eu daria dez anos da minha vida.

— Está bem, minha senhora. Entrem, por favor. Já combinaram que fotografia querem?

A foto que fiz é a imagem da felicidade que o amor pode dar. As faces dos namorados tocam-se, as suas mãos procuram-se, o seu olhar exprime uma felicidade sem limites. Creio que fiz uma obra-prima. O meu canto de clare! Pul o espectador e até o cúmplice de uma felicidade que desejava para mim. Que papel doloroso!

Acabam de levar as provas. Vi outra vez Clara pelo braço de Gerardo. Uma dúzia de tias e de primas vão inclinar-se sobre a minha obra-prima e abençoar o jovem casal. Entretanto...

Entretanto eu serei enterrado. Três linhas de noticiário. Será tudo o que eu teré. Não! Não posso viver mais tempo. Comprei este revólver como o bilhete de convite para um mundo onde as penas de amor são desconhecidas.

Dentro de cinco minutos sairá o tiro fatal. Clara lerá a notícia no jornal, talvez no mesmo em que sair o meu casamento. Saberá que fui encontrado morto, com a mão cri-

RELAPAGO
DISTRIBUIDOR

para: Babolin
Lavrado
Blés
Lava-Louça
Lava-Roupa

Um RELAPAGO é indispensável

TODA A DONA DE CASA, PREVIDENTE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES:

O CONFÔRTO E A ECONOMIA DO SEU LAR

RELAPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS

À VENDA NOS SALÕES

FÁBRICA PORTUGAL

Restauradores, 49-55-A, da República, 59-R, Fobo Montiz, 1-18-R, da Graça, 82-94

CHAMO-ME Guilherme Grosberet e tenho 34 anos. Segundo se diz, é a flor da idade. Encontro-me perfeitamente e sou capaz de chegar assim, sem pena, até aos 90 anos.

Apesar disso, a realidade, a dura e surpreendente realidade, quer que eu não tenha diante de mim mais do que uma escassa meia hora. Porque vou matar-me.

Mas no fundo não tenho motivos de queixa. Sou fotógrafo de profissão. Posso um grande estúdio adornado com belos repositores de veludo negro. Também não me falta trabalho. Ganho o bastante para viver, o que não acontece a todos os meus contemporâneos, nem a todos os meus confrades. Dizem que trabalho bem, e, sem falta modesta, posso acrescentar que possuo dotez de bom fotógrafo. É uma magnífica profissão que um homem pode amar.

Faço retratos para os burgueses do meu bairro, o meu nome figura nos catálogos de todas as exposições e publico fotos nas revistas ilustradas. Permitto-me o luxo de fazer fotografias só para mim, e que só a mim agradam. Tenho obtido êxitos e poderia ser completamente feliz, se não fosse completamente... desgraçado. Mas sou desgraçado por culpa de Clara.

Os senhores compreendem: Clara é a mais bela rapariga do bairro. Clara, com cabelos negros como o ébano e com um riso de prata, com os seus olhos azuis e a cor dos seus cabelos não aparecem no retrato que eu fiz. Apesar não o tenho aqui diante de mim. Mas além dos doze bilhetes postais que me foram encomendados e que já entreguei, fiz uma ampliação para meu uso pessoal. Já sei que isso não é muito correcto. Sei até que é bastante indiscreto, se assim o quiserem. Apesar disso, perdoo-se-me ter tido esta fraqueza.

Eu tinha-me enamorado irremediavelmente de Clara quando a vi pela primeira vez. Sim. Desde o primeiro instante enamorei-me dela como um doído.

Que há de mais inusitado em tudo isto é que eu não lho tivesse dito, quando ela veio buscar a encomenda. Tive medo. Mas, mádo de quê, grande Deus? Quis esperar. Mas pergunto: esperar por quê?

E por isso que sou desgraçado. Quero matar-me. O revólver está aqui, diante de mim, numa caixa vulgar de cartão. É negro, sem nenhum brilho.

ANTOLOGIAS LITERÁRIAS

O esforço do antologista é sempre mais ou menos inarrotável. A sua missão é a de documentar em que se exigem múltiplas qualidades de comando e de alta acuidade do sector literário que tem de fixar sob todas as formas representativas na sua colectânea; e a do público a que esta se dirige, que deve intencionalmente esclarecer, a que deve proporcionar visão panorâmica tão pouco superficial quanto possível. perante o primeiro, não pode o antologista fugir aos subjectivismos de apreciação e, por consequente, efectuar sempre obra crítica. Perante o segundo, dificilmente poderá absover-se das culpas da superficialidade que oferece pela estreiteza em que fatalmente resume a obra literária significativa. Em Portugal, porém, as antologias oferecem ainda mais graves riscos. E que, num público sem educação literária vigorosa, sem estrutura crítica dos valores na sua grande massa, sem orientadores fiéis e sérios na imprensa e na rádio, as antologias vêm a reverter em factor de inconsistente satisfação estética, de facilidade no superficial, de corrupção do critério pela insuficiência evidente da informação que contém.

Entre nós tem-se abusado um pouco da antologia, sobretudo nos últimos anos — na mesma medida em que se tem facilitado menos o acesso do público popular, massa plástica em que está tudo por construir e esclarecer, à obra inteira dos autores que não deviam andar ausentes desde mesmo público.

Sendo o antologista verdadeiramente culto, não disto a pena em clara quando organiza a sua colectânea — por aí se corrigem ou reduzem em maior ou menor grau os inconvenientes de tal processo de divulgação. A maior parte subsiste sempre, todavia; e é precisamente aos espíritos mais seriamente cultos que incumbe o dever de reflectir sobre os riscos que traz à sociedade cultura esta proliferação de factores de improvisação, superficialidade, superficialidade agendada actuando sobre um público mal preparado e mal conduzido.

**A GRANDE
GENEALIDADE
DE
NICOLAU GOGOL**



GOGOL

NICOLAU GOGOL nasceu em 1809 e morreu em 1852. No breve espaço de uma vida precoce e desbaratada, que não pôde realizar senão em muito pequena parte as suas possibilidades literárias, poucos escritores terão deixado tão profundas e estensas consequências a assimilar a sua presença no futuro da criação estética. Dostoiévski resumiu-o expressivamente quando declarou, falando em seu próprio nome e no dos seus dois grandes contemporâneos Tolstói e Turgueniev: «Todos salmos do «Capote de Gogol»; e, mais fiel, como ainda recentemente afirmava um crítico francês, procurar na mesma estirpe de influências em que abressaíram aqueles grandes génios do literatura russa muitas características de escritores dos nossos dias, em que o realismo vigoroso, colorido e dinâmico de Gogol repercutiu poderosamente.

Pode dizer-se, no entanto, que Gogol foi um realista «controle súmimo». Nas crises místicas que atravessou arrendeu-se muitas vezes de ter pintado com «tão cruel realidade» a natureza humana; e que mesmo

então alguns manuscritos das suas obras para se absover desse dom fatal de retratar a vida e os homens sem os véus da fantasia optimista e hipocrita. Nessa mesma circunstância — a situação estranha de um realista por indole que se insurge contra o próprio realismo — realista, o segredo da influência perdurável de Nicolau Gogol e da sua genialidade perturbadora e inquietada. No «Diário de um louco», «Noites da Ucrânia», «O retrato», este extraordinário escritor revelou, com a verdade psicológica dos seus tipos, a possibilidade de representar literariamente aspectos, problemas da vida que se julgavam inacessíveis ou incompatíveis com a literatura. «Só Pouckine compreendeu a essência da minha obra», escreveu Gogol; «dizia-me sempre que nenhum outro escritor possuía ainda a aptidão de fazer sentir tão fortemente a platidão da vida, mostrar aos olhos dos homens as pequenas bagatelas, os pequenos nadas que habitualmente nos escapam». Com este poder de transfiguração literária do real, Gogol determinou todo um destino novo ao romance e à novela.

**SOBRE UM PREFACIO A UMA
ANTOLOGIA DE LÍRICAS
PORTUGUESSAS**

A série de antologias universais que a Portuália Editora tem publicado em sucessivos volumes constitui uma das mais vastas e complexas iniciativas de tal género experimentadas entre nós. Arrastando com todos os infalíveis inconvenientes desse sistema de vulgarização, demasiado fácil para valer só por si como estímulo intelectual, mas bastante sugestivo para levar o público comum a posteriores desenvolvimentos de leitura, a quantidade e diversidade das antologias editadas em Portugal representam uma característica do nosso ambiente literário na actualidade. Não deve recusar-se aquela editorial o mérito de ter escolhido, com particular acerto a matéria das antologias publicadas e a categoria intelectual e literária dos seus seleccionadores e anotadores.

O 1.º volume das «Líricas Portugueesas» foi confiado a José Régio e o 2.º, recentemente editado, a Cabral do Nascimento. A cultura, segurança de juízo e o sentido artístico deste escritor defenderam muito bem a sua tarefa árdua e grave contra os perigos e inconvenientes à indole das antologias. Por isso mesmo parece oportuno e interessante observar brevemente o prefácio criterioso e lúcido que escreveu para esta colectânea de poemas editoriais e literários no plano da crítica quanto a empreendimentos culturais deste espécie.

Cabral do Nascimento defendeu quanto pôde, sem dúvida, a objectividade da sua selecção de poemas contemporâneos; não lhe foi possível conservá-la com idêntica intencionalidade nas breves apreciações introdutórias que faz sobre o autor escolhido. Quanto à selecção, não pode deixar de notar-se que o critério de escolha foi, em grande parte, o «favor do público» — sobretudo tratando-se de contemporâneos, como o caso — e que a antologia influenciou sensivelmente alguns dos sectores da colectânea. Sendo a intenção pedagógica, estimuladora e indicativa das antologias uma das mais fortes razões para que se absolvam os seus inconvenientes, talvez pouco

defensável que se subordine sob qualquer forma ao «favor do público» o critério da escolha.

Outro ponto a debater com o prefaciador desta antologia seria o seu apreço talvez muito dogmático pelos valores da arte e da poesia que apreço é perfeitamente legítimo desde que se subordine irrestritamente aos critérios da arte e da poesia que se prescendem a métrica na criação lírica. E muito mais difícil, mas perfeitamente possível, que a antologia de poesia sem qualquer sujeição aos cânones da métrica. Cabral do Nascimento dá um exemplo de que se pode escrever. Walt Whitman.

Não se poderia encontrar melhor exemplo para documentar aquele ponto de vista. Repare-se ainda — para não ultrapassar muito as barreiras do moderno e não ir até aos grandes génios clássicos — no valor permanente da poesia de Rilke depois de traduzida sem qualquer preocupação métrica. O conceito de Valéry sobre as grandes descobertas poéticas que têm por origem o domínio do menor esforço, confirma igualmente a inadequação que a poesia moderna «arrastou» em muitos dos seus melhores momentos, dos valores fundamentais da poesia, da poesia perante os condicionamentos da métrica. Codificada por dedução da experiência de uma metificação da natureza, a poesia, a poesia, a poesia estética pode condicionar a apreciação dela e do poeta.

Igualmente ilustro se afigura o conceito de «níveles» em poesia, que Cabral do Nascimento transgrediu a sua teoria da poesia pura e parece seduzido perigosamente alguns dos critérios da selecção de poemas contemporâneos portugueses e de uma apreciação crítica e estética. O sine-qua-non de Brendon talvez não seja, mais que uma palavra sem conteúdo, um «flatus vocis», intencionalmente produzido pelo autor de uma doutrina que partia de critérios muito duvidosos e até extrapoeéticos para a apreciação crítica e estética. O sine-qua-non de Brendon talvez não seja, mais que uma palavra sem conteúdo, um «flatus vocis», intencionalmente produzido pelo autor de uma doutrina que partia de critérios muito duvidosos e até extrapoeéticos para a apreciação crítica e estética. O sine-qua-non de Brendon talvez não seja, mais que uma palavra sem conteúdo, um «flatus vocis», intencionalmente produzido pelo autor de uma doutrina que partia de critérios muito duvidosos e até extrapoeéticos para a apreciação crítica e estética.

O «estudioso» foi o facto mais duvidoso, um *manu facto* na história da poesia portuguesa. O tempo de demonstrar o melhor do que todas as argumentações críticas oportunamente formuladas.

O mais estranho neste prefácio é ainda a passagem em que o seu autor afirma: «Em Portugal, se bem que de maneira menos acentuada, nota-se também a repercussão dos factos sociais e políticos, sem todavia tomar o aspecto de corrente literária, como no século passado. Não é, certamente, uma situação que Cabral do Nascimento tivesse observado com a objectividade que se louva na generalidade do seu trabalho; pelo autor de uma doutrina pode verificar actualmente na poesia portuguesa — muito mais do que a de outros países — a tendência «social» — e a tendência a constituir em corrente literária bem definida as repercussões sociais e políticas da nossa época. Não é o momento nem o lugar de discutir se tal circunstância representa uma força inovadora ou nociva, pelo menos em alguns aspectos, ao considerarmos o aspecto da literatura portuguesa típica. Mas o facto permanece com toda a objectividade possível; e Cabral do Nascimento, ao lidar com as dúvidas, muitas oportunidades para o verificar plenamente.

O mais estranho neste prefácio é ainda a passagem em que o seu autor afirma: «Em Portugal, se bem que de maneira menos acentuada, nota-se também a repercussão dos factos sociais e políticos, sem todavia tomar o aspecto de corrente literária, como no século passado. Não é, certamente, uma situação que Cabral do Nascimento tivesse observado com a objectividade que se louva na generalidade do seu trabalho; pelo autor de uma doutrina pode verificar actualmente na poesia portuguesa — muito mais do que a de outros países — a tendência «social» — e a tendência a constituir em corrente literária bem definida as repercussões sociais e políticas da nossa época. Não é o momento nem o lugar de discutir se tal circunstância representa uma força inovadora ou nociva, pelo menos em alguns aspectos, ao considerarmos o aspecto da literatura portuguesa típica. Mas o facto permanece com toda a objectividade possível; e Cabral do Nascimento, ao lidar com as dúvidas, muitas oportunidades para o verificar plenamente.

PAPELARIA CARACÓRS

RUA AUREA, 3-38 LISBOA - TELEF. 214

Especializada em livros de escrituração e Artigos de escritório



UM NOVELAS ESTABELECIMENTO DE NOVELAS

Um salão dirigido por mulheres competentes, propõe-se servir com a maior perfeição a bons gostos e melhores clientes.

É um saloão das novidades da Lar Ideal, Ltd? que se integrou no saloão de Artista, no Rio de Janeiro, S.A.

Este é um moderno estabelecimento de Micaela, Tachira e Brando, em



PROBLEMAS SENTIMENTAIS CRIADOS PELA GUERRA

Um problema sempre antigo, que se tornou mais atual desde a guerra, é o da separação dos esposos. Quando o marido é chamado para o front, a mulher fica sozinha com os filhos e a casa, e muitas vezes com dívidas. A situação é difícil e muitas vezes insuportável. Muitas vezes a mulher fica sozinha com os filhos e a casa, e muitas vezes com dívidas. A situação é difícil e muitas vezes insuportável.

Concordo plenamente que o homem tenha um sentimento de responsabilidade com a mulher e com os filhos. Mas a mulher também tem esse sentimento. Muitas vezes a mulher fica sozinha com os filhos e a casa, e muitas vezes com dívidas. A situação é difícil e muitas vezes insuportável.

Um salão dirigido por mulheres competentes, propõe-se servir com a maior perfeição a bons gostos e melhores clientes.

É um saloão das novidades da Lar Ideal, Ltd? que se integrou no saloão de Artista, no Rio de Janeiro, S.A.

Este é um moderno estabelecimento de Micaela, Tachira e Brando, em

GALDA REINADO DA AGUA

Nas festas de Galda, em São Paulo, houve um momento de muita emoção. O Galda Reinado da Água, que se realizou em São Paulo, teve um momento de muita emoção. O Galda Reinado da Água, que se realizou em São Paulo, teve um momento de muita emoção.



O novo governo da Índia no momento de fazer o juramento de lealdade ao novo chefe de governo.



O Sr. Ministro de Economia visita a exposição de arte e artesanato no Museu Nacional.



Um momento de chegada dos filhos do Tiro.



Melina Rey Colares em seu retrato no grupo católico de João Soares, operário em trabalho de pintura.

CORRIDAS DE CAVALOS NA INGLATERRA

Uma grande competição, de que a Inglaterra não tem nada a invejar, nem mesmo a Itália, nem mesmo a França.



UMA AMOSTRA DAS LIBERDADES INGLESAS

Não há mais nada que se possa fazer para melhorar a situação da Inglaterra. A situação da Inglaterra é muito ruim, e não há nada que se possa fazer para melhorar a situação da Inglaterra.

Uma grande competição, de que a Inglaterra não tem nada a invejar, nem mesmo a Itália, nem mesmo a França.

JUDES-ULTRA

Esta sociedade americana é a mais rica do mundo. Ela tem muitos membros e é muito poderosa.

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA
 Primeira história de amor entre Portugal e a Inglaterra.
 Por RAFAEL MARCAL.
 Uma história de amor entre Portugal e a Inglaterra.



A escola que existe no bairro de Santa...



Esta é a classe do bairro de Santa...



Alunos e professor durante as aulas...



NASCEU UM TITO SCHIPPA PORTUGÊS

QUE VAI COMER uma batata...

O CARLOS E OS SEUS ARDINAS JOGAM O FUTEBOL, VÃO AO TEATRO E FAZEM UMA VIDA ÀPARTE...

TEMOS sempre, no bairro de Santa...

depois — esse grupo de rapazes tem...

No bairro de Santa Rita, há uma...

É sempre um grupo de rapazes que...

Alguns sempre se tocam entretidos...



No teatro da escola de Santa Rita...



Uma turma da escola de Santa Rita...



Uma turma da escola de Santa Rita...



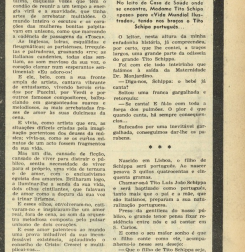
Uma turma da escola de Santa Rita...



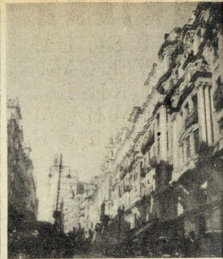
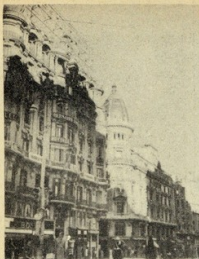
Uma turma da escola de Santa Rita...



Uma turma da escola de Santa Rita...



O grande teatro Tito Schippa e sua...



QUATRO SURPREENDENTES ASPECTOS DA GRAN VIA, COLHIDOS POR JORGE GARCIA

RONDA AMENA DA GRAN VIA

QUANDO O DIA SE FAZ NOITE NA MAIS CONCORRIDA ARTÉRIA MADRILENA

SABADO. Na Gran-Via, o relógio do «Trust Relojero Suizo», junto da «Espasa-Calpe», marca precisamente sete horas e cinco minutos. Por baixo do grande cronómetro, uma densa multidão passa ininterruptamente como dois grossos forquinhos humanos; um que se dirige para a Plaza del Callao, onde se oferecem os mais luxuosos «cines» da capital, outro que marcha, sem pressa, na direcção de Alcalá...

O dia está prestes a terminar — os últimos raios do sol, que certamente

se está escondendo por detrás dos altos cumes nevados da Serra do Guadarrama, lambem ainda as acetaldas dos pequenos «rascacielos» que marginam a rua, valorizando-os com a sua luz granadina em que ninguém repara... O seculovintoseco edifício «Capitol», que serve de pano de fundo ao troço principal desta rua-bem, apresenta-se, agora, em contra-luz, resplandecente, azeado por uma coloração flameante, quase irreal, a que só os estetas dão valor...

E a bem dizer disciplinadamente, a multidão continua passando ao longo

das duas aceras da mais sumptuosa artefacta urbana européica.

No lado da larga rua, também conhecida pelo nome de Avenida de José António, marciais sinaleiros apitam constantemente comandando o trânsito. De três em três minutos uma campanha toca; acendem-se e apagam-se luzes encarnadas, verdes e amarelas; os automóveis estacam — tranquilamente, então, sem diabolócos recelos, os peões cruzam nos dois sentidos as suas faixas privativas de passagem. Uma «despreocupada» travessia de um para o outro passado, tentando desobedecer aos guardas, equivale, imediatamente, ao vexame de uma detenção momentânea e ao desembolso de duas pesetas. No «centro» de Madrid é assim em toda a parte...

De tempos a tempos, um enorme autobus de dois andares, tipo londrino, passa, roucante, carregado de gente, jogando-nos aos olhos as palavras vermelhas que aconselham um anis ou um conhaque... Na «Imperial», umas «chicas» mais ou menos «gansas», que jamais vimos, gesticulam-nos um adeus e riem-se sem cerimónia...

Sem se dar por isso, a noite veio tomar o lugar do dia.

A pesar das restrições de corrente eléctrica, que fazem a delícia dos ascensores madrilenos, a luz dos gigantescos «faroles» ilumina bem. Alguns escaparates comerciais iluminam-se também, à custa das pequenas centrais eléctricas das lojas. E, agora, já de noite, a vida «callejera» prossegue mais intensamente no seu ritmo incessante de ciélopica colmeia urbana.

Os «cafés» e «bars», e até mesmo os simples «colmadós», às centenas no «Centro» madrileño, regorgitam de clientela dos dois sexos. É a hora elegante. Hora em que toda a gente, por mais modesta, entra num «bar» a merendar. Merendar, chamam presentemente os madrilenos a um bom rato de conversa, bem humorada quase sempre, em torno de uma mesa, ou no tongo de um comprido balcão, onde se mostram uns copos de pseudo café com leite e uns bolos secos para «majar...» ou uns «chittos» de «Val de Peñas», muitas vezes de manzanilla andaluza, acompanhados de uns pratinos com «tapas», que o mesmo é dizer bocaditos de presunto, chourizo

ou queijo, zetlonas recheadas, buques-roses de Cadiz, amellejos, camarão à la plancha, e outras especialidades rabo-sas, intluindo as caras angulos de Bilbao, que mais parecem lombriças que engulas na primeira infância.

Os enlutas, quase todas de sessões contínuas, enchem-se. Se entrarmos no luxuosíssimo «Passapoga» veremos inúmeros pares bem enlaçados dançando ao ritmo dolente de qualquer «fox-trot». E se, com medo à «cuenta», fugirmos daquele «dancing» para entrarmos no «J. Hay», no «Suevia» ou no «Madrid-gal», encontraremos sempre gente, muita gente, gente que sabe rir e folgar...

Em todos encontraremos raparigas, formales ou não, que não se escusarão a dançar...

No «Fontalva», uma companhia alemã de variedades, se passarmos pela bilheteira, deliciar-nos-á com lindas canções vienenses e com as magistrais habilidades equilibradas de Bela-Kremo, um «jongleur» impressionante. Mas, se, ao costume madrileño, nos entretivermos a beber por aqui e por ali, teremos mil e uma oportunidade de conseguirmos relações que podem ser o começo de uma bela novela de amor... Por toda a parte há senhoras e senhoras de todas as idades e de todas as profissões...

Por volta das dez todos os locais de diversões vão ficando desertos. Chegou a hora da ceia.

A majestosa Gran-Via perdeu em trânsito o que ganhou em beleza.

Na «poteia» iluminada de um grande hotel, no décimo terceiro andar, um orquestra toca enquanto os hóspedes ceiam. Um ligeiro véu de melancolia invade a rua-bem madrileña. Os cantos deitros dão, agora, menos luz, do «táxis» rareiam. Quase silenciosos, a Gran-Via prepara-se para dormir em paz. No relógio do «Trust Suizo» são dez e um quarto...

LUÍS DE QUADROS

USE SEMPRE Spa ESCOVAS DE DENTES

«Spa» a nova escova de dentes com pêlos de «nylon» representa um grande adiantamento na hygiene dental. «Spa» limpa melhor os dentes, dura mais e é muito higiénica. Uma simples enxaguada e a «Spa» fica tão limpa e elástica como quando foi comprada. Dureza média e rija. A venda em toda a parte.

Fabricadas por JOHN FREEMAN & CO. LTD., SPA Brush Works, Chesham, Bucks, England

Deposítários: J. Pires Tavares, Sucrs.-J. da Silva Pires, L.^{da} -Lisboa

para a hygiene dental!

MEIAS • LUVAS ROSIGTER R. DA ASSUNÇÃO 71 LISBOA LOJA E BARRA

SANTANA NÃO É SÓ UM NOTÁVEL CARICATURISTA, É TAMBÉM ESCULTOR

MANUEL Santana criou há muito, entre nós, a personalidade de artista suprema da caricatura. Não há, pode dizer-se, figura mais representativa do nosso meio social, artístico, ou político, que o seu lápis prodigioso não tenha fixado com rigorosa precisão — e extraordinário relevo caricatural, Santana tornou-se também um artista probo, honesto, criando tudo com as múltiplas facetas do seu temperamento — e só pensando, fora do mercantilismo da arte, em elevar o seu grau de aperfeiçoamento — que é hoje, por vezes, o afastamento, dos mais expressivos artistas nacionais. Manuel Santana trabalhava na África do Sul, em Joanesburgo, onde, por revistas e jornais, em exposições colectivas, grangeou o justo prestígio de artista de primeiro plano. A vida, também, era-lhe fácil — bem remunerado, e chegando a realizar, numa exposição, centenas de libras.

Todas as altas individualidades da União Sul-Africana lhe pediam caricaturas.

O marechal Smuts, um dia, ao recebê-lo no seu gabinete, esteve a «posar», durante o tempo preciso, para que o artista lhe fizesse a caricatura. E quando, à saída, lhe ia agradecer a deferência, viu com espanto que por o próprio marechal que lhe estropeia a mão e lhe pediu, com empenho, que voltasse quando quisesse se o trabalho não tivesse ficado perfeito.

Ficou, na realidade, o marechal Smuts com as suas botarras de cabo de guerra, e deu, nesse ocasião, um empurrão para a celebridade ao nosso compatriota.

Santana, que é um bom cavaqueador, ao recordar, hoje, em Lisboa, essa caricatura, tem um pouco de desânimo. E que, entre nós, ninguém em tempo, para, «posar». Aham que os caricaturistas são maçoadores — e quando vêem os trabalhos amuam, como as crianças mimadas, se o nariz está torto ou o olho quase cego. Querem um retrato com retoque — e não uma caricatura com exageros.

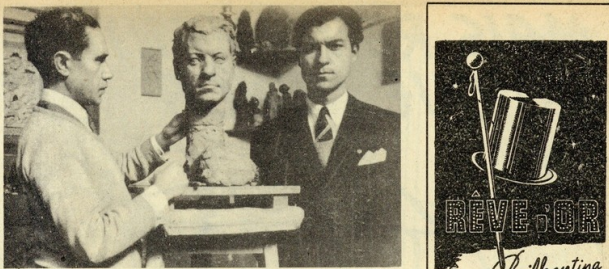
Pois bem. Manuel Santana veio a Lisboa, há pela dúzia de anos, para demandar Londres, onde iria estudar — e continuar a sua vida de artista. Saudado e festejado, do nosso sul, desta Lisboa bulhenta, que é sempre um ravo de doce encanto para quem está longe, fizeram-no demorar nas suas apertadas abraços. Quando se deslancha a partir já a guerra andava a envolver o mundo.

Já em Londres caíam as primeiras bombas, transformando a cidade num inferno, crepitando fogo.

Santana foi obrigado, por essa contingência, a ficar.

Mas Lisboa tem um meio restrito, limitado a qualquer acção artística, onde se não pode viver sem sacrificios nem lutas.

Mesmo assim, Manuel Santana impôs logo o seu nome na primeira lista dos artistas nacionais. Foi recebido ao nosso público por Vírgia Munda e Ilustrada, onde, em signed inescusáveis caricaturas ou desenhos proeminentes da guerra, Santana tornou-se assim um biógrafo cheio de graça, imprimindo aos



Santana executa o cabeça de outro artista: Rudy

seus desenhos a marca inconfundível do seu talento. As suas caricaturas dizem-lam animadas dum expressivo calor que é vida.

No mais pequeno pormenor ele consegue dar a envolvente ambiência que pode definir um carácter. Mas Santana não é apenas o extraordinário caricaturista que toda a gente conhece. Os seus trabalhos conhecem-se logo pelo processo personalíssimo do seu autor.

Artista insatisfeito, como na realidade são todos os artistas, Manuel Santana revelou-se também um admirável escultor, vigoroso, tratando o e barro com as mãos quentes, estuantes de vida. Basta ver, agora, neste Salão de Primavera, nas Belas Artes, o entusiasmo com que moldou a cabeça do outro jovem artista, o pintor Neves e Sousa, seu amigo e camarada nesta luta do dia a dia.

A crítica recebeu o trabalho com aplausos. Só o artista, porém, não se sentiu satisfeito.



Dois trabalhos em barro do artista

Santana



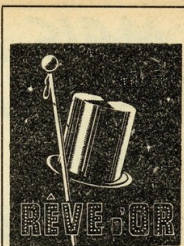
O pintor Neves e Sousa, por Santana

E assim, já esboça novos trabalhos e prepara, para daqui a dias, no salão da Livraria Bertrand, uma nova exposição de caricaturas que há-de novamente ser um verdadeiro triunfo. Manuel Santana tem já um fiel, crente na sua arte.

A provar esse merecimento basta relembrar o hallite artístico do ano passado, no estalé do Casino Estoril, onde a melhor sociedade Lisboa desfilou, encantada, pelos desenhos do artista. E até o êxito se traduziu claramente em estímulo material, tantos os trabalhos vendidos como os expostos.

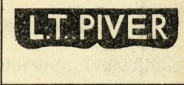
Santana, nesta nova exposição, vai reafirmar, mais uma vez, o seu talento de caricaturista.

E terá, certamente, à sua volta, não só os aplausos sinceros da crítica como o carinho ambiente dum público entusiasmado pelos seus trabalhos, que há muito o admira e acredita na sua arte.



PARA O HOMEM CHIQUE

Brillantina Réve d'Or formando um véu imponderável, protege a cabeleira, fazendo-a brilhar em luminosa doçura, conservando-a condilção e tonificando o cabelo.



MEDIDAS E PRECAUÇÕES

PARECE que foi o cônego Dias, aquele lavrador de Leiria que conhecia melhor as cobelhas do que o missal, quem, uma vez, apostrofou contra a falta de policiamento que fazia descarrar o agêl a mão atrevida da rapinância. E disse, então, Ego, num momento êtico, cheio de azedume, quando, vindo da horta, deu por falta duns ricos cebolões.

À sua volta, as crédulas criaturas amigas da S. Joazeira, que eram tão fanáticas que misturavam a divindade com um roto — porque viam nisso um ataque inofensível à Igreja, na pessoa dum humilde servitor — benzidas e rebendizas de pasmo, gritaram, emocionadas, que havia nisso uma grave falta de temor a Deus.

Então, o cônego Dias, inchando mais o ventre de ira, berrou: — Qual falta de temor a Deus, santas criaturas! O que falta é polícia!

Bos polícias! Na verdade, o padre tinha razão. Pelo facto de lhe terem roulhado uns cebolões, ele via logo nisso o cios do mundo — a humanidade inteira de mão sinistra a desfalcicar o alheio, no escuro das noites. Eram grandes bandos de mancebilha, e pistola apertada à cinta, facinhão, saltando desde o lar burguês e honesto ao palácio de mármore do rico, com braço e criadagem.

Temor a Deus, para quê? Sim, na verdade, se houvesse respeito, veneração, temor pelo castigo que Deus, lá do céu, poderia muito bem fazer desencadear sobre o mundo em pecado, ninguém levaria no bolso um cêntimo que lhe não pertencesse.

Mas quê? Ninguém hoje queria saber desse possível castigo. Além disso, as almas cristãs pensavam logo que a bondade infinita de Deus fazia-se cumplice com a maroteira e desculpava as fraquezas humanas.

Ora o grito do cônego Dias ainda hoje é seguido por muita gente. A falta de polícia — as ruas, à noite, não têm quem as vigie. Falta-se, há tempo, nas rondas a cavalo, policiando os bairros. Pelo menos haveria menos probabilidades de se esfumar um sujeito ou esmurrar-lhe o nariz por via dum estulto na carteira. Embora isso não venha solucionar o caso, ainda não apareceram nenh os cavalos nenh o polícia.

De modo que, em certos bairros sem movimento, com as luzes apagadas, fica bem o Pinhal da Azambuja desamantado e desentranhado que encontra, no alheio, o estímulo dos viciosos crimes — que, até certo ponto, a negligente acção policial não pode reprimir. E preciso, pois, dar nas nossas ruas o velho e burguês sossego público que é quando dum raça pacata, sentimental, que delira com o fado — e abre a boca, continuamente, com o sol escaldante que lhe dá nas costas.

Por isso todos os dias, nos jornais, se chama a atenção para as entidades competentes — é sempre o lugar-comum mais clássico das nossas gazetas — para o facto de muitas ruas estarem escuras e sem polícia. Não é que, felizmente, os roubos sejam importantes. Pequenas coisas, que nem vale a pena falar, verdadeiras ninharias que só fazem falta a quem fica sem elas: cordões, roupa a ensugar, carteiras, lâmpadas de esquadra, capacetes de ferro.

A falta de polícia, porém, tem feito com que se desenvolvesse essa praga de roubos — e que se iniciem, na arte, outras vocações que logo se revelam insipientemente.

Só por isso, pois, ele é precisa. E que amanhã, deixando-os manobrar à vontade, esse gatinhão acabará por se formar na escuridão dos olhos escangaratas — e depois, meu Réve, de um galpão gahnas o nosso gatinho terá categoria internacional, e há-de querer os aibrabolantes raptos, com fotografias no jornal — e os audaciosos roubos à metralhadora...

MANUEL MARTINHO

MAIS RENDIMENTO DO QUE NUNCA



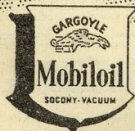
Todos sabem que a sujidade do motor lhe absorve o rendimento e que, portanto, quanto mais limpo aquele anda, tanto menos consome e tanto melhor funciona.

O Mobiloil, fabricado pelo Processo Clearosol aperfeiçoado, além de apresentar maior resistência à temperatura, tem ainda a propriedade de dissolver quaisquer produtos de oxidação—isto é, depura-se automaticamente, daqui derivando que os motores lubrificados com este óleo se conservam mais limpos.

E motores mais limpos quer dizer—
motores com maior rendimento!

Meta

MOBILLOIL!





Uma japonesa suporta a operação melhor do que um homem!

OS JAPONESES ADORNAM-SE COM LINDAS TATUAGENS

HA 250 anos que a polícia japonesa costumava tatuar os criminosos, antes de os pôr em liberdade, com o fim de os poder identificar com facilidade. Mais tarde, esta prática foi substituída pelo uso das impressões digitais. No entanto, alguns jogadores e outros indivíduos dos «bas-fonds» mantiveram esse costume e enriqueceram o seu lado artístico. Hoje, como uma espécie de óstintivo orgulhoso da sua profissão, tatuam-se com complicados desenhos que, por vezes, levam seis dolorosos meses a imprimir na

pele. As fotografuras mostram os resultados artísticos alcançados por um grupo de japoneses.

Conseguir tirar estas fotografias foi uma verdadeira aventura para o fotógrafo da «Life», Alfredo Eisenstaedt, e para o correspondente Richard E. Lauterbach. Foram levados de olhos vendados, por becos lamacentos, até a um esconderijo de jogadores. Depois de terem tirado as fotografias, voltaram, pelo mesmo caminho, de olhos ainda vendados.

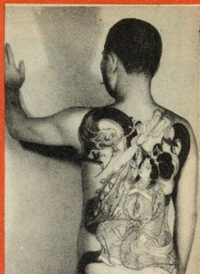
Os jogadores, no entanto, nunca fiando, mudaram de esconderijo.



Esta tatuagem representa o Deus do Sol, do Fogo e da Água



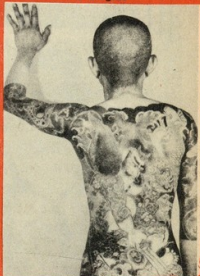
Esta representa o Diabo. O Diabo japonês tem forma feminina.



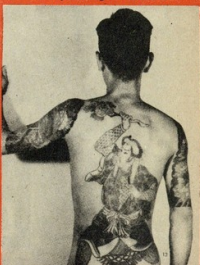
Este chefe dos jogadores apresenta uma das sete deusas budistas do felicidade.



Uma tatuagem que combina pennis e dragões



Esta tatuagem representa Cho-Jun, um personagem lendário



Esta representa um homem dançando com uma pennis na mão

ROTEIRO DUM REPORTER

VISITA AO SOBA

SEJA GRACIL E ELEGANTE

Por aqui, no Rio de Janeiro, não se faz nada de novo. O grande chefe, emblemático de uma nova geração de brasileiros, o Sr. Roberto de Oliveira, conhecido por todos os brasileiros, o Sr. Roberto de Oliveira, conhecido por todos os brasileiros, o Sr. Roberto de Oliveira, conhecido por todos os brasileiros...

Visto de óculos e com o ar sério, parece de bom estylo a pessoa que se apresenta ao Sr. Roberto de Oliveira, conhecido por todos os brasileiros, o Sr. Roberto de Oliveira, conhecido por todos os brasileiros...

Uma parte da escola de Cabaloendo... os alunos estão sentados em fileiras, ouvindo o professor...

Um grupo de estudantes... estão em um ambiente de estudo e discussão...

Um grupo de estudantes... estão em um ambiente de estudo e discussão...

Um grupo de estudantes... estão em um ambiente de estudo e discussão...



USANDO SEMPRE MALHAS LOCITAY



UMA PARTE DA ESCOLA DE CABALOENDO

Uma parte da escola de Cabaloendo... os alunos estão sentados em fileiras, ouvindo o professor...

Um grupo de estudantes... estão em um ambiente de estudo e discussão...

Um grupo de estudantes... estão em um ambiente de estudo e discussão...

Um grupo de estudantes... estão em um ambiente de estudo e discussão...

Um grupo de estudantes... estão em um ambiente de estudo e discussão...

Enigma

Orientado por Laura de

1. TORNEIO - PROBLEMA N.º 2

UM TIRO O MATOU

Um homem morreu no campo de futebol de Lidoia, no alto do prédio, inventado pelo mesmo proprietário construtor, pelo o problema de um homem...

UNICOM

TERANO AMERICANO PROU UMA QUINTA UM EMPRÉSTIMO DO GOVERNO!

Os representantes da F.S.A. em nome da administração do Brasil, em nome do governo brasileiro, em nome do governo brasileiro...

OS "WAR BABIES" E OS ASTROS DESMOBILIZADOS

POR FERNANDO FRAGOSO

Quando Clark Gable e James Stewart vieram ao uniforme, a América estremeceu de emoção. Os seus artistas favoritos abandonaram a vida calma dos estúdios, e o primeiro, como voluntário, e o segundo como soldado, correram para os céus da Europa, onde a batalha trágica com o maior fragor. Dir-se-ia que um sopro de esperança e de heroísmo os acompanhava, com o reconhecimento da Nação, Os Estados Unidos, de facto, usam nestes um símbolo. O símbolo da vontade indomável, da coragem e da dedicação da juventude americana. E muitos só nessa altura compreenderam o que significava a expressão guerra total. Tão total, que nem sequer poupava homens como Clark Gable e James Stewart, que poderiam ficar nos estúdios, entregar as tarefas mais rendosas e menos arriscadas...

Quando surgiram as primeiras fotos dos dois, na frente de soldados de Pio Sem, foi um delírio. E graças a eles, venderam-se mais suav-bondas e alisaram-se novos volúndrios, até então indesejados.

A pouco e pouco, chamados pelos departamentos de recrutamento, ou impellidos pelo desejo de colaborar no esforço comum, as forças começaram a surgir no mundo da cinema. Robert Montgomery, Robert Taylor, Allan Ladd, Mickey Rooney, Tyrone Power, Cesar Romero, Sterling Hayden, Robert Preston e outros, trocaram Hollywood pela guerra.

Embretante, a guerra acabou. Os artistas foram desmobilizados. Começaram a chegar a Hollywood, com o péta constelação de medalhas. Já não eram os céus que haviam partido, mas o capitão Clark Gable, o coronel James Stewart, o tenente Robert Montgomery. E quando todos esperavam que Hollywood os reintegrasse nos quadros tão rapidamente como o exército fizera, em situação inversa — o mundo está assistindo, com surpresa, a toda a sorte de inesperadas dificuldades e demoras, a impedir-lhes o imediato acesso aos estúdios.

Como se explica semelhante resistência passiva? Inapetência? Esquecimento? Desinteresse?

O jornalista Norah Alexander teve a frequência de apontar, no «Daily Mail», alguns factos que lançam luz sobre tão lamentável situação. Em primeiro lugar — dizem — no lapso de tempo que medeia entre a saída e a volta dos artistas das companhias que os tinham sob contrato, nasce-se uma outra actores. Nasceram e, por um daqueles fenômenos, tão corrente no mundo do cinema, criaram nomes. Assim, Frank Sinatra, Van Johnson, John Hodiak, Robert Walker, Turhan Bey, Gregory Peck, Cornel Wilde, Paul Henreid, Ina Andrews, Sonny Tufts e outros — figuram hoje entre os favoritos das multidões. Ocupam lugares na hierarquia comercial dos estúdios e no coração dos espectadores, de que dificilmente se dá a exelha guarda poderdo desalojados. Estes «war babies» — chamam-lhes assim em Hollywood, pelo facto da guerra lhes ter dado o nome — não se revelaram — esta «fillos da guerra», diziamos, são hoje sempre os de bilheteira. Van Johnson pode considerarse o favorito da América. Ficou à obediça de todos os concursos e inquirições. Gable, Stewart, Rooney e outros estão esquecidos. Pelo menos, de momento. E se Hollywood não far em seu favor, chamando-os para bons filmes, a sua situação piorará...

Como reagiram os produtores? Mostraram-se dispostos a corresponder à generosidade desses artistas, que decidiram por a Pátria acima dos seus próprios interesses? A bem dizer, a resposta não pode ser favorável. Com efeito, Clark Gable, em deztois meses de vida civil, interpretou um único filme, «Adventures», com Greer Garson. A circunstância de lhe ter sido atribuída tão famosa parceria, parece já revelar pouca confiança no nome daquele que foi o maior querido galo do cinema americano. E que tal o filme? «A despeito de Gable ter dado o seu máximo — diz-nos um crítico — it was a poor picture». Outro exemplo: Mickey Rooney durante mais de cinco, andou perdido pelo «Hardy» e fillo de menor interesse. «A Comédia Humana» e «National Velvet» foram-lhe elevadas ultimamente a grande altura. Pôz-se a reaparecer num «Hardy» — série a que já haviam posto ponto final, pelo desinteresse do público.

Norah Alexander inclia os admiradores daqueles artistas a que cresceram aos astros de outros tempos. São curtos os espaços de tempo, certamente, ser um discernimento da gente nova. Mas lembremo-nos de que em Hollywood decidem, por vezes, uma certa «fita» e não os seus próprios magnates do cinema americano não parecem demasiado interessados pelas suas antigas vicissitudes. Que o público lhes supponha o dever de retribuir generosamente o esforço que deram pela massa da Paz.



Lembram-se de Ann Dvorak? Era aquela isperiga de grandes olhos negros, que interpretava o papel de «Coca», a irmã de Paul Muni, no filme «Scarface». Vivia-lhe em Lisboa, nos primeiros anos da guerra, quando veio para Londres como reporter do «North American Newspaper Alliance». Ann Dvorak encontra-se novamente em Hollywood e, no seu próximo filme, surge sob um aspecto inesperado, como «schorus-girls dum grande teatro, de fim de século.



A RESSURREIÇÃO DE CARLOS GARDEL

A sua voz está para sempre gravada nas placas de ebonite. E a sua linguagem conserva-se, igualmente impressa no celuloide, em filmes musicais que alcançaram outrora o maior dos êxitos.

Atendendo ao entusiasmo do público pelo maior grado artista e às inúmeras solicitações que lhe foram dirigidas, a Paramount resolveu reunir todos os filmes do «Rei do Tango». E, deste modo, nas telas do mundo inteiro, Carlos Gardel ressuscitará, em «Melódica de Arrebal», «Esperame», «Las Luces de Buenos Ayres» e outros êxitos famosos.

Este facto — que vai alegrar a enorme legião de admiradores e, sobretudo, de admiradoras, é famoso cantor argentino — vale como uma concessão, a maior e a melhor que se poderá prestar à sua memória.

Aguardem, pois, o regresso de Carlos Gardel em todo o deslumbramento da sua voz, vivo e milagre do cinema.

H A artistas que não morrem! E Carlos Gardel é um deles. A sua voz perdurará eternamente nos discos que gravou. E como isso surgiu ainda melhor intérprete do tango — as embeoras de todo o mundo dão-nos, dia a dia, as suas prodigiosas criações. E sucedem-se as nostálgicas canções, ao som de acórdão — na ronda dos programas radiofónicos.

O FILME DA SEMANA

Dança com o Imperador

UMA OPERETA DA UFA NO CINÁSIO

COM **Marika Röck**

UM GRANDE ÊXITO EM 5.ª SEMANA

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

CAPÍTULO XXXI A FORTALEZA EUROPEIA

POR CARLOS FERRÃO



Hitler e Mussolini encontram-se no Primavera de 1943

A esse respeito as informações que saíam dos círculos estreitamente ligados à direção do partido fascista não deixavam dúvidas sobre o fundamento da gravidade da situação.

Foi para impedir que essas notícias e cases boatos tomassem maior vulto e contribuissem para agravar ainda a situação, que o «Duces» tomou a iniciativa de proferir um discurso aproveitando uma cerimônia organizada pelos dirigentes da mocidade fascista de Roma. Os discursos de Mussolini haviam-se tornado raros e nos últimos meses a voz do chefe do fascismo tinha deixado de se fazer ouvir por completo. Este facto era geralmente interpretado como uma confirmação das dificuldades em que ele se encontrava.

No discurso a que nos referimos, o «Duces» não excedeu a gravidade e a importância dessas dificuldades, e lançou um apelo dramático ao povo italiano para que procurasse enfrentá-las com coragem e resignação. Por fim, aludiu aos sacrifícios que era indispensável consentir para que a Itália pudesse prosseguir na luta até à vitória final. Mas as condições em que se referiu a essa hipotética vitória não tinham com as suas promessas, tão profusamente feitas no passado, e que haviam contribuído, de maneira decisiva, para combater a Itália e o seu povo à situação dramática em que se encontravam. O tom dos discursos e a sua frequência diminuíram, de maneira reveladora. Não tardaria muito que o colapso italiano pusesse termo a uma situação que, segundo se tornaria evidente para todas as pessoas desapaixonadas, não podia, de maneira nenhuma, prolongar-se.

Pode dizer-se, portanto, que, na altura a que nos referimos, Abril de 1943, o processo de decomposição da vida interna na Itália se encontrava muito adiantado. Depois de uma longa série de derrotas militares e de humilhações políticas que tiveram o seu ponto culminante na perda da última parcela do império italiano, a nação dava sinais inequívocos de cansaço em relação à guerra e ao homem que provocara a intervenção da Itália no conflito. O fascismo parecia irremediavelmente descredenciado. Mesmo, como já tivemos ocasião de acentuar, entre os elementos mais categorizados do partido, as críticas diárias da acção do «Duces» tinham-se tornado um lugar comum. Depois de abandonar o Governo, o ministro da Educação, Giuseppe Bottai, que era geralmente considerado como o fi-

lósofo do partido, iniciara a publicação de uma série de artigos cujo tema era a falência do fascismo e da sua acção governativa. Com o Conde Granelli e com Ciano tinha formado o núcleo principal de um grupo de personalidades influentes que afirmava abertamente a sua convicção de que a Itália devia fazer imediatamente uma paz separada.

Se esse era o sentimento predominante entre categorizados elementos do fascismo, é fácil calcular qual seria o estado de espírito e quais seriam as reacções de grande massa do público italiano perante a evolução catastrófica dos acontecimentos. O pensamento geral era que a guerra estava irremediavelmente perdida para a Itália e o país completamente arruinado. Por outro lado, as condições de vida agravavam-se dia a dia e acabaram por se tornar insuportáveis.

O Governo estava gastando em média o triplo do que recebia. A diferença entre as receitas e as despesas era coberta pela inflação que, desde o início da intervenção italiana, aumentara em proporções fantásticas.

Os preços subiam de uma forma assustadora. Os artigos géneros essenciais à vida do povo italiano escasseavam e, apesar do inverno relativamente benigno, as condições alimentares no país eram cada vez piores. Em consequência disso, o mercado negro espalhava a sua rede por todas as cidades italianas, enquanto a população morria praticamente de fome e a mocidade era ceifada nos campos de batalha.

APESAR DE TODAS AS DIFICULDADES, MUSSOLINI ESTAVA CONVENCIDO QUE PODERIA DOMINAR A SITUAÇÃO

Os ataques aéreos incessantes aos grandes centros comerciais e industriais do país, como Milão, Nápoles e Turim, acabara por desorganizar completamente a economia italiana. As comunicações e a manobra especial as comunicações ferroviárias, tinham deixado praticamente de funcionar para satisfazer as necessidades militares. Essa era uma das causas que mais contribuíam para impedir uma distribuição regular e equitativa de géneros alimentícios pelas diversas províncias e localidades.

Em Março tinham estalado greves em algumas dessas cidades, especialmente em Milão e Turim, as quais

rápida e espalharam a quase todo o norte da Itália. Milhares de operários abandonaram o trabalho, causando um prejuízo incalculável à produção de guerra. Em Maio as greves repetiram-se com uma intensidade maior. Os trabalhadores do norte deixaram, a partir desse momento, de ser fiscalizados pelo mecanismo corporativo, que era um dos alicerces sólidos do regime fascista e uma das razões da sua existência.

Mussolini, segundo os testemunhos mais autorizados da sua acção nessa fase da guerra, tinha a noção exacta da gravidade da situação, mas estava convencido de que, com o que restava do seu prestígio pessoal e com o auxílio da máquina de repressão que montara, acabaria por dominar todas as dificuldades desde que o seu aliado alemão alcançasse nos campos de batalha as vitórias indispensáveis para justificar, aos olhos do povo, a continuação da Itália na guerra.

O «Duces» tinha um sentido político e uma capacidade manobreira incomparavelmente maiores do que o Fuhrer. Isso levava-o a considerar o agravamento das condições de vida nos países ocupados como um dos factores que mais decisivamente podiam contribuir para apressar a derrota do Eixo. A orientação das autoridades nazis nesses países causava-lhe sérias preocupações, as quais apreciavam amplamente justificadas pelo aumento do número de actos de sabotagem e pelo incremento dos movimentos de resistência, os quais estavam a tornar-se cada vez mais evidentes, sobretudo nos países da Europa ocidental e meridional.

O ENCONTRO DO FUHRER COM O «DUCE». EM ABRIL DE 1943. FOI MUITO DIFERENTE DOS QUE SE HAVIAM REALIZADO ANTES

Nos primeiros meses de Abril, o «Duces» recebeu em Roma a visita do chefe do governo húngaro, Kallay. Este ia comunicar-lhe a ansiedade que o povo da Hungria começava a sentir pela segurança do seu país e pelo seu próprio futuro à medida que as derrotas da Wehrmacht na frente leste tornavam cada vez mais provável e mais próxima a invasão da península balcânica pelos exércitos da U.R.S.S. Esta ameaça começava a tornar-se eminente, e por isso Kallay procurava provocar uma intervenção activa de Mussolini no sentido de afastar também o seu país da guerra.

Poucos dias depois a evolução da situação militar e política tornou indispensável um novo encontro entre o «Duces» e o Fuhrer, o qual se realizou na residência deste último e se prolongou durante três dias. Segundo os termos do comunicado oficial publicado em seguida à reunião, os dois chefes totalitários chegaram a completo acordo em relação a todos os problemas que foram abordados no decurso das conversações exaustivas que tiveram.

No comunicado afirmava-se igualmente mais uma vez, «a firme determinação dos dois chefes e dos povos que governavam de conduzir a guerra até à vitória final pela mobilização integral de todos os recursos da Alemanha e da Itália».

(Continua)

Porque é que o seu médico aconselha Sulfadentina?



Porque usar Sulfadentina representa uma defesa permanente contra as bactérias e torna os vossos dentes saos como nenhuma outra.

RAPAZ OU RAPARIGA

É GRAVÍSSIMO

abandonar-se às circunstâncias e tolerar que multiplicarem no seu rosto apóstatas bactérias, que corrompem os seus dentes e os seus ossos.

Porque não emprega hoje mesmo o «Embryodine» para a sua higiene bucal? Immediatamente, até dize sempre: «Imuniza-me!»

EMBRYODINE-LOTION

é uma especialidade biológica da

EMBRYODINE LABS. OF. N. Y. C. INC.

Enviarmos, contra simples pedido, as opiniões de ilustres médicos, sobre as especialidades EMBRYODINE. Um frasco \$0.800.

PASTA MEDICINAL Couto

TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 11\$00
 Medicinal grande — tubo 17\$50
 Vulgar pequena — tubo 4\$00
 Vulgar grande — tubo 7\$00



À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3\$00
 Caixa grande..... 8\$00

Dep.º: COUTO, L. 64 — Porto

L. S. Domingos, 185

SOLUÇÃO DO PROBLEMA DE HOJE

(Publicado em 18/4/946)

Sendo x o número total de ovos, a mãe ficou com:

$$\begin{array}{r} x+1 \\ \hline 2 \end{array}$$

a filha com:

$$\begin{array}{r} x+1 \\ \hline 4 \end{array}$$

e a sobrinha com:

$$\begin{array}{r} x+1 \\ \hline 8 \end{array}$$

Fundo do problema em equação vem:

$$\begin{array}{r} x+1 \quad x+1 \quad x+1 \\ + \quad + \quad + \\ \hline 2 \quad 4 \quad 8 \\ (4) \quad (2) \quad (1) \end{array} = x$$

donde se acha o valor de x:

$$\begin{array}{l} 4x+4+2x+2+x+1=8x \\ 7x+7=8x \\ 7=8x-7x \\ 7=x \end{array}$$

donde:

$$4 \quad 2 \quad 1$$

Concluindo:

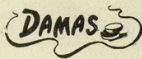
— A mãe ficou com metade de 7, que era o número total de ovos, mais meio ovo ou seja 3,5+0,5=4 ovos.
 — A filha guardou metade do que restava, ou seja metade de 3, diferença de 4 para 7, mais meio ovo, isto é, 1,5+0,5=2 ovos.
 — A sobrinha ficou com metade do que restava, que era 1, diferença de 6 para 7, mais meio ovo, ou seja 0,5+0,5=1 ovo.



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
 Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques 54 da Bandeira, 108, 3. — LISBOA.

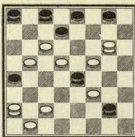


(Secção espanhola)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMATISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 86 (Problema)

«La Provincia» — Las Palmas (Espanha)
 Tema: «Rojas»

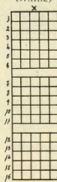


As brancas jogam e dão mate em 10.

PILOTA DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 11

Por Armando Nogueira (Cultú)



ENUNCIADO

1 — Terreno extenso e plano. 2 — Escoras que sustentam a embarcação em seco. 3 — Ramo de árvore. 4 — Página de livro. 5 — Ave trepadora. 6 — Mania. 7 — Planta gramínea. 8 — Namorada. 9 — Pérola que se pesca em algumas lihas do Brasil. 10 — Força que trata mal os telégrafos. 11 — Combate. 12 — Desigual. 13 — Inflamação do ouvido. 14 — Suavizar. 15 — Espécie de falção. 16 — Coroa.

Atenção: Resolvido o problema encontrar-se-á na coluna vertical (X) o nome de um distinto médico português.

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10



PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 4

Por Rocanoli (Nelas)

ENUNCIADO

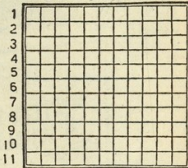
HORIZONTAIS: 1 — Falha; repetir. 2 — Cola-se; grito. 3 — Lado do vento; parte da unidade; nome de mulher. 4 — Altar; vaso; renque. 5 — Prende; mármore finíssimo. 6 — Esplendor. 7 — Seguir; planta labial; poesia. 8 — Crida; junta; lã. 9 — Mã; animal feroz. 10 — Lava; gritaria. 11 — Nota musical; levantara. VERTICAIS: 1 — Peça de madeira; ligadura. 2 — Ama; gracejava. 3 — Culpada; prende; suca. 4 — Altar; bôlo de arroz; reze. 5 — Recorda; joelhar. 6 — Instrumento musical de sopro. 7 — Pronome pessoal; animal vertebrado; multo. 8 — Pessoa de quem se fala; base aérea; confie. 9 — Romântico; aparelho de telex. 10 — Naquie lugar; prozia. 11 — Graceja; princípio evidente que não precisa nem admitte demonstração (pl.).

Dicionários utilizados: Torrinha, Augusto Moreno e Roquete.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 64

HORIZONTAIS: 1 — Lepra; artes. 2 — Imo; liz; rua; rua. 3 — Ia; li. 4 — Amor; gozar. 5 — Ou; 10. 7 — Ut; ao. 8 — Um; ferra. 9 — Es; sã. 10 — Ela; mel; mui. 11 — Saída; atala. VERTICAIS: 1 — Limão; urbes. 2 — Em; mai; 3 — Polo; meal. 4 — Ar; as. 5 — Al; má. 6 — Ir; de. 7 — Ar; lá. 8 — Lo; as. 9 — Triz; rama. 10 — Eu; altar; ui. 11 — Sarro; oasia.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



VEJA SE SABE...

(Problemas de «Cultura Gerais»)

N.º 4

Por Carlos Abel Vicente de Faria (Lisboa)



Esta imagem representa que igreja? Sabe por quem foi fundada? Que nome tem a parte mais alta de onde se abrange um vastíssimo panorama?

Em todas as IDADES...

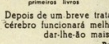
é necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



Cuida a dentição e o desenvolvimento dos ossos constituindo a principal medida profilática que se pode tomar para os ossos.



Na idade escolar, quando o cérebro dos crianças começa a trabalhar, deve ser dada a fadiga que ocasionam os seguintes livros.



Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionar-lhe-á melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fosforo Ferrero

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fosforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



A reposte ao fadego melhor passa por um período de melancolia, aversão e fadiga, que devem ser combatidos com doses



Os jovens que na época de estudos facultam a seu cérebro, fazem bem com um porre constante



A família inteira terá oprimida e aborrida sendo que todos os seus componentes gostem de boa saúde



Nunca será um velho se as suas faculdades mentais e os seus nervos conservarem o vigor da juventude



UM NOVO FILME DE WALT DISNEY

O novo filme de longa metragem de Walt Disney, «Make Mine Music», é um «vaudeville» destinado àquelas pessoas que acharam a fantasia um pouco transcendente... Os seus dez actos são preenchidos com a versão de velhas lendas. Nelson Eddy, Jerry Colonne e as irmãs Andrews, figuram no filme apenas como vozes. Os dançarinas Tania Riabouchinska e David Lichine aparecem no filme como sombras, num bailado de silhuetas. A maior parte dos quadros deste filme atestam, mais uma vez, a exuberante imaginação de Walt Disney.



1) Walt Disney mostra alguns desenhos preliminares do seu filme a Nelson Eddy e Jerry Colonne. 2, 3 e 4) Benny Goodman, Dinah Shore e Sterling Holloway, três «vedetas» do filme.

Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
CREME
TOREADO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TOREADO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes